

Sarney condena violência nas greves

O presidente se diz impressionado e teme o "desmoronamento do Estado de Direito"

BRASÍLIA — O presidente José Sarney defendeu ontem uma reação nacional para enfrentar a violência praticada por grupos atuantes em movimentos grevistas. E admitiu que o grau de radicalização que se vê hoje em dia representa "o começo do desmoronamento do Estado de Direito". No programa *Conversa ao Pé do Rádio*, Sarney fez um balanço dos últimos movimentos que resultaram em violência e concluiu ser impossível admitir esse tipo de conduta. "Estou profundamente impressionado com a permissividade que se está convivendo dentro das sociedades com a violência", afirmou.

"Diariamente, ouvimos e vemos notícias sobre invasão de fábricas por mascarados. Cortam-se torres de transmissão, quebram-se centenas de ônibus, quebram-se trens, agride-se a propriedade furando pneus, não se permite a liberdade de trabalho, e tudo isso através de um grupo invocando que é um direito", disse Sarney, sem no entanto identificar os nomes dos grupos que atuam nesse sentido.

O desabafo do presidente no programa semanal de rádio confirmou informações, fornecidas anteontem por funcionários ligados à comunidade de segurança do governo, de que há uma preocupação em alto grau com os desdobramentos dos atos de violência gerados a partir de um movimento grevista.

"É impossível essa conduta", acrescentou o presidente, seguindo a um alerta de que "esse nunca foi o sentimento deste País". O presidente fez um apelo ainda para que os problemas nacionais sejam discutidos aberta e livremente. "Num ano em que cumprimos o processo de transição, não é possível que se queira ter um plano de toldar o progresso, tumultuando-o com atos de vandalismo", disse.

Sarney defendeu, também, a Ferrovia Norte-Sul, que inaugurou ontem com uma viagem de 110 quilômetros no trecho entre Imperatriz e Açailândia, no Maranhão. O presidente disse que contra a ferrovia formou-se, nacionalmente, uma campanha, assim como, no passado enfrentou o mesmo tipo de pressão o ex-presidente Juscelino Kubitschek. A Belém-Brasília, lembrou Sarney, foi chamada de "estrada das onças". Sobre a Norte-Sul, "dizia-se que somente ia levar um passageiro: o presidente Sarney".

De acordo com o presidente, a resposta está sendo dada com o transporte de toneladas de grãos até o porto de Itaquí, próximo a São Luís. Segundo Sarney, o custo da obra — alvo de muitas críticas — é menor do que o de uma estação de metrô, e só a dragagem do rio Tietê em São Paulo "custa talvez mais do que o conjunto total da estrada".

Grande parte do programa de rádio o presidente dedicou ao Rio, onde esteve quarta-feira para lançar a pedra fundamental do pólo petroquímico. Num balanço sobre as realizações do governo federal no Rio, Sarney disse ter investido mais de US\$ 12 bilhões em quatro anos, dos quais 40% no setor social.

Presidente destaca suas obras

É a seguinte a íntegra do programa *Conversa ao pé do Rádio* de ontem: "Brasileiras e brasileiros, bom dia.

Aqui vos fala o presidente José Sarney, em mais uma *Conversa ao pé do Rádio*, como sempre faço todas as sextas-feiras. Hoje, dia 7 de abril de 1989.

Estou em Imperatriz, no Sul do Maranhão, limite com Goiás, região dinâmica e rica, construída em sua grande maioria pela vinda de emigrantes de todas as partes do País. É hoje a maior cidade do interior da Amazônia e tem uma economia extremamente forte. E vim aqui para um ato histórico: inaugurar o primeiro trecho da Ferrovia Norte-Sul, a estrada da integração nacional, sonhada há mais de 100 anos, incluída nos planos nacionais de viação férrea e, somente agora, no meu governo, concretizada.

Devo dizer que nacionalmente formou-se uma campanha contra essa estrada. Dizia-se que ela não tinha viabilidade econômica, como aconteceu com a Belém-Brasília, que foi chamada estrada das onças. A Norte-Sul, dizia-se que somente ia levar um passageiro: o presidente José Sarney.

Pois bem, 30 mil toneladas de grãos estão à beira dessa estrada já hoje, esperando transporte para o porto de Itaquí e mais de 600 mil toneladas de soja, milho e arroz estão à espera de transporte para este ano.

Essa estrada abrirá, sem dúvida, o caminho para que essa região seja aquilo que temos dito muitas vezes: a Califórnia do Brasil, com um potencial de produção extraordinário. O custo da estrada é bem mais barato do que muitas outras obras nacionais. Uma estação de metrô custa o mesmo que custou esse trecho; a dragagem do rio Tietê, em São Paulo, custa talvez mais do que o conjunto total da estrada. O passivo que nós tivemos que arcar com o BRDE pagaria toda a Norte-Sul. Por aí se vê que esta obra, barata, atende a uma aspiração nacional das mais necessárias e das mais imediatas.

Esta, portanto, é uma viagem histórica. Tem uma significação muito grande e todo o povo desta região está realmente empolgado com as novas perspectivas que se abrem com a Norte-Sul.

Quero dizer que na quarta-feira, dia 5, eu estive em Itaguaí, no Rio de Janeiro, para presidir a implantação do Pólo Petroquímico, um projeto destinado a promover o renascimento econômico do velho e querido Rio de Janeiro que o Brasil inteiro ama e que agora tem meios de recuperar-se e reabilitar-se economicamente depois de uma fase difícil.

Foram comigo o governador Moreira Franco, o senador Nelson Carneiro, presidente do Senado, o ex-presidente Ernesto Geisel, que fundou o Pólo Petroquímico de Camaçari, na Bahia. As lideranças fluminenses da Câmara dos Deputados e das Câmaras estaduais, prefeitos de toda a região, enfim, a consciência da classe política do Rio para a importância do Pólo Petroquímico, sediado ali, e que vai se transformar em referência de progresso e modernidade para o Brasil inteiro.

Basta dizer que durante a implantação do pólo serão gerados 25 mil empregos. Vejam bem a boa hora em que chega o Pólo Petroquímico. O Rio de Janeiro passa a oferecer 25 mil novos empregos a seus trabalhadores. Quando o presidente Vargas lançou a obra pioneira que foi Volta Redonda a capacidade da siderúrgica era de 610 mil toneladas. Juscelino Kubitschek, quando estabeleceu seu Plano de Metas, tinha como objetivo o Brasil produzir um milhão de toneladas de aço por ano. E nosso País cresceu de tal maneira que, durante o meu governo, nós já produzimos mais 3,8 milhões de toneladas de aço, produção incorporada durante o período do presidente Sarney. E todos nós hoje já achamos que isto é uma coisa normal. Assim vai acontecer com o pólo de Itaguaí. Começa como um pólo, com uma produção já bastante razoável, com investimentos de mais de dois milhões de dólares, e dentro de alguns anos será fonte de modernidade da economia do Rio. Quando completado no seu conjunto, apresentará um faturamento de 2,1 bilhões de dólares, devendo ter uma arrecadação tributária de 120 milhões para o governo federal e 250 milhões de dólares para o governo estadual.

O Pólo Petroquímico do Rio presta-se também de forma exemplar à política de descentralização industrial e de redução de disparidades regionais. O sucesso do complexo qui-

"Só a lei assegura a paz, o progresso, a liberdade. Não é a violência"

mico do Nordeste é um exemplo claro dos frutos desta política. O Nordeste demonstrou, através do complexo de Camaçari, na Bahia, com mais de 40 unidades em pleno funcionamento, a sua vocação para a indústria petroquímica. A consolidação do pólo petroquímico de Alagoas, em dois anos, as unidades do setor químico em Cabo de Pernambuco e, mais recentemente, a implantação do pólo petroquímico do Recife estão confirmando essa vocação. Tudo isso, aproveitando infra-estruturas já existentes ou em obras da região, como hidrelétricas de Itaparica e Xingó e sistema viário ali instalado.

Devo dizer que duas grandes obras foram realizadas no meu governo e que também, silenciosamente, delas quase que a maioria do povo brasileiro não tomou conhecimento. É o chamado "Nordestão" que é o gasoduto que vem lá do Rio Grande do Norte, passando por todo o Nordeste até Camaçari para abastecer o Pólo Petroquímico de Camaçari e, também, o grande gasoduto que, saindo de Campos, vai até São Paulo e que, naturalmente, também terá a finalidade de abastecer o Pólo Petroquímico do Rio de Janeiro. Devo também dizer que nós tivemos a oportunidade de ampliar o Pólo Petroquímico de São Paulo e também do Rio Grande do Sul.

Na quarta-feira, viajando de Brasília para o Rio, despachei no avião com o ministro da

Indústria e do Comércio e determinei, de logo, a convocação do Conselho de Desenvolvimento Industrial, para a aprovação, no prazo de 90 dias, de doze projetos para o Pólo Petroquímico de Rio de Janeiro. Também em Itaguaí assinei o contrato de ampliação do terminal de minérios de Sepetiba, que será uma alternativa para o porto do Rio de Janeiro, que não tem condições de operar exportação de minérios, produtos siderúrgicos, etc.

Já que estava no Rio, na emoção do lançamento do Pólo Petroquímico, que se reverte em redenção do Estado, fiz um balanço das ações constantes e consideráveis do meu governo no Rio de Janeiro. Nestes quatro anos nós investimos mais de doze bilhões de dólares. Quarenta por cento dessas verbas foram empregadas ali, na área social. Basta dizer que o valor desses recursos significa três ou quatro vezes o que o Estado arrecada em ICM. É o caso, por exemplo, da assistência ao menor, da merenda escolar que é distribuída em todas as escolas do Rio para 1,2 milhão de alunos.

A Previdência Social já realiza ali, em média, cerca de 84 milhões de atendimentos médicos e odontológicos e eu tive a coragem e o desprendimento de transferir aos governos estaduais, numa operação que é de difícil aplicação, o problema da Previdência Social através do SUDS. O Programa do Leite, por exemplo, esse leite que é distribuído às crianças carentes, que só no Rio de Janeiro, diariamente, atinge a um milhão de litros. São crianças que, muitas vezes, na vida, não tinham tomado nem um copo de guaraná.

Outro dia, comovido eu vi o depoimento na televisão de uma senhora do Rio de Janeiro que dizia que a sua alimentação era a metade do litro de leite que era dado para o seu filho, diariamente por este programa social de grande alcance. Na próxima semana, aquela grande aspiração dos fluminenses que era o término do engarrafamento da região dos Lagos, vai terminar com a inauguração da estrada Manilha-Niterói.

Devo lembrar também que foi no meu governo que o Estado do Rio passou a receber os royalties do petróleo e também que tive a oportunidade de resgatar a dívida que restava para com os municípios fluminenses do tempo da fusão. Apoiamos a Fundação Oswaldo Cruz, o Centro Nacional de Supercomputação e distribuímos bolsas de estudos no Rio de Janeiro para cerca de dois mil alunos que estudam no Exterior, 21 mil bolsas para a formação de recursos humanos no Estado.

Como eu disse ao povo do Rio de Janeiro, é fácil chegar e dizer "vamos resolver isso". Difícil é resolver, difícil é ter a coragem. Esse problema é difícil de resolver, vamos trabalhar para resolvê-lo. Esta colaboração com o Rio de Janeiro não é do tempo do governador Moreira Franco, é desde o início de meu governo. Quero também acrescentar que no Rio de Janeiro foi construído durante o tempo do Governo Sarney o maior terminal de container da América do Sul, que transformou o porto do Rio de Janeiro num porto moderno, com grande capacidade de operação.

Finalmente, esta semana está marcada por dois grandes acontecimentos pioneiros na história econômica do nosso país, simbólicos eles. A inauguração da Norte-Sul, que a partir de amanhã vai começar a operar atendendo a esta região de Imperatriz, que só faltava ter transporte, porque o mais já tem, que é boas terras, o trabalho do homem, produção e vontade de se desenvolver.

O outro fato, como eu referi é o Pólo Petroquímico do Rio de Janeiro, que vai mudar a face econômica do Rio de Janeiro além de novas perspectivas a essa grande cidade que, durante tantos anos, prestou ao Brasil grandes serviços, como a sua capital, a sua capital cultural que ainda o é, e também como centro irradiador daquilo que é sentimento do povo brasileiro.

Finalmente devo dar uma palavra sobre a situação nacional.

Eu estou profundamente impressionado com a permissividade de que se está convivendo dentro da sociedade com a violência. Tanto lutamos pelo Estado de Direito, Estado de Direito e o estado da lei, pois bem, diariamente ouvimos e vemos notícias sobre invasão de fábricas por mascarados. Cortam-se torres de transmissão, quebram-se centenas de ônibus, quebram-se trens, agride-se a propriedade furando pneus não se permite a liberdade de tra-

"Duas grandes obras foram realizadas no meu governo. A maioria do povo não sabe"

balho e tudo isso através de um grupo invocando que é um direito. E se houve isto, se testemunha estes fatos como se fossem coisas normais. É impossível essa conduta. Devemos alertar o povo brasileiro que esse nunca foi o sentimento deste país. Tem que haver uma reação nacional, porque isso é o começo do desmoronamento do Estado de Direito. Só a lei assegura a paz, o progresso, a liberdade. Não é a violência. E esses fatos são indubitavelmente fatos fora da lei. Num ano em que cumprimos o processo da transição, não é possível que se queira ter um plano de toldar o progresso, tumultuando-o com atos de vandalismo. A democracia é construída dentro do debate livre, dentro do exercício de direito de cada um, que termina onde começa o direito dos outros.

É este o meu apelo sincero e patriótico, de quem deseja a normalidade e a consolidação das práticas democráticas.

Finalmente, a minha mensagem de fé em nosso País. Como fiz em Itaguaí, reafirmo agora: hoje temos menores dificuldades de que nossos Pais; nossos filhos terão menores do que nós temos; e nossos netos terão menores ainda do que nossos filhos. Por quê? Porque o Brasil caminha forte, de passo firme, para o seu grande destino e para o seu grande futuro.

Muito obrigado e bom dia."